

Uma pesquisa de salvamento arqueológico na caverna funerária do Angico - PE^(*)

I — PREAMBULO

A caverna funerária do Angico está alcandorada em local de difícil acesso, no cume de um morro. Foi descoberta por um padre beneditino, natural da cidade de Bom Jardim, em fevereiro de 1969 (1).

O sacerdote chegou à caverna guiado por um caçador, logo deparando no interior vários vasilhames de cerâmica emergindo da superfície do solo. Temendo que esses vasos, cujo valor arqueológico de pronto lhe ocorrera, pudessem ser destruídos por incautos, o descobridor providenciou-lhes o recolhimento. Em seguida, por ter estabelecido contato com o Prof. Marcos de Albuquerque, resolveu doar esses achados, em número de sete, ao Setor de Arqueologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. O fato foi divulgado e publicado pela imprensa

de Recife (*Diário de Pernambuco* — 29.10.69 e 21.12.69).

Em virtude das notícias de novas tumultuações levadas a efeito na caverna do Angico, e diante da ameaça do desaparecimento total dos vestígios arqueológicos nela existentes, procedeu-se a uma operação de emergência para salvamento do que ainda pudesse restar. As escavações somaram quinze dias, sendo realizadas no decorrer de viagens periódicas de Recife e Bom Jardim. Os trabalhos de interpretação do material recolhido somente terminaram em agosto de 1971.

Todas as peças retiradas acham-se depositadas no Gabinete de História Natural e Museu do Colégio Estadual de Pernambuco. **

II — ALGUNS DADOS SOBRE O AMBIENTE

A caverna funerária do Angico localiza-se na Fazenda Campinas, na região SE do município de Bom Jardim. Esse trecho de território, com altitude média de 230m, pertence ainda ao ciclo geológico do precambriano, que ali se mostra profuso em terrenos acidentados erigidos de cerros e serrotes, com pico máximo de 500m. São pequenos montes ainda não assinalados nos mapas, apelidados popularmente de "Arueira" por uns, e de "Taboca" por outros.

Nos valados, ocorre invariavelmente o mesmo solo argiloso negro *in situ* alterado pela erosão, comum no agreste a toda a bacia do rio Tracaunhaém (2). O massapê das ladeiras é menos escuro, porém compacto.

Registraram-se por toda parte no terreno a presença de quartzo de várias qualidades e outros minerais, de permeio com numerosos pedregulhos provenientes das rochas metamórficas locais.

O clima contrastante é o próprio de Bom Jardim (3) e o mecanismo da erosão idêntico, quanto à destruição do capeamento fértil das ladeiras.

Na paisagem do estio prolongado, já no mês de fevereiro, época na qual se iniciava a pesquisa, a flora xerófila e a aculturação mostravam-se enfezadas, em tons fúlvios e queimados. Os rios e as fontes estavam ressequidos por um cruel verão, que enrugou até a terra úmida dos brejos.

A estrada de rodagem PE-5, flanqueia (numa cota altimétrica que alcança 250m no pavimento) o sopé das elevações, contornando-as e atravessando algumas depressões, onde se percebem falhas geológicas do Algonquiano, caracterizadas por afloramentos de cataclasitas e milonitos, bem como quartzos de cor azul.

Numa das margens da rodovia, os relevos têm desníveis suaves, menos acidentados. As vertentes da fachada oposta (onde se localiza a caverna) são bastante escarpadas. Inúmeros blocos de gra-

nito em caos se espalham por todas as ladeiras. As cristas das elevações ostentam freqüentemente monolitos de grande porte, que dão ao panorama um aspecto selvagem.

Entre o descompasso da pedraria, sobretudo nos baixos, em torno de casas isoladas de moradores, há lavouras primárias. Vêem-se, em terras mais limpas, cercados de gado vacum, pertencentes à fazenda.

A área teve, outrora, fama pela abundante fauna e as proezas cinegéticas. Subsistem ainda algumas espécies de pequenos animais mais ariscos, cujos rastros são visíveis nos aceiros, para olhos experimentados.

O monte da caverna funerária do Angico se destaca de longe, pelo perfil em mamelão, afincado como esta, bem em evidência, com as faldas apoiadas na margem da estrada de rodagem. (km 95), de frente da casa grande da fazenda Campinas, (4) a 5km apenas da cidade de Bom Jardim.

A subida não chega a ser uma escalada, porém a ladeira desse monte é árdua. As rampas têm aclives bem pronunciados. No verão, avança-se pisando um terreno árido, descampado; no inverno, entre uma vegetação cerrada, luxuriante. No terço superior, a pendente torna-se abrupta. Penetra-se então num capão de mata, tipo catinga, com espinhais, e onde proliferam as palmáceas, bromeliáceas e cactáceas (anotam-se numerosos angicos (*Piptademia* S.P.).

Alcança-se finalmente o cimo por uma senda áspera, precavendo-se o caminhante contra a mataria rica em acúleos e arbustos entrelaçados de lianas. Nesse alto (350 m acima do nível do mar), quase no término da encosta, deparam-se enormes blocos amontoados cobertos pela vegetação tropical e salpicados de excrementos, vestígios de aves (*Cathartes foetens* e outras). Na falda desse aglomerado de granito porfiróide, que se eleva até o cume do monte, percebe-se a abertura da caverna, fácil de reconhecer. Há outras luras menores, esparsas nos arredores.

O nome da caverna parece exagerado. O aspecto lembra mais uma furna, situada sob um grande bloco pousado sobre a encosta, na extremidade de um paredão rochoso, ladeado por estreita vereda natural que, alargando-se providencialmente, assume feitio de patamar diante da entrada.

A abertura orienta-se para o N. Baixinha, tem apenas 0,75 cm de altura máxima no seu centro. A conformação interna do perfil do recinto, tal qual foi encontrado, sugeria a metade de um banil, parte inclinada para W. O comprimento da frente mede cerca de 7m, a largura difícil de avaliar devido ao entulho aparentava mais ou menos 4m. Diante da boca, no patamar, um amontoado de terra aluvionária confirmou a tumultuação do sítio. Percebia-se que se le-

varam a efeito vários decapamentos na superfície do recinto, assim como diversas escavações pequenas.

De chofre, coletaram-se oito cacos de cerâmica junto ao paredão.

III — METODOLOGIA DA PESQUISA NO LOCAL

Devido às contradições dificuldades, comezinhas a esse gênero de pesquisa em caverna, o desaterro e estudo não puderam ser planejados objetivamente no início dos trabalhos. Somente durante o desenvolvimento das atividades é que se constatou que o interior se divide em dois compartimentos. Atualmente, as operações realizadas podem ser resumidas na seguinte seqüência:

1 — Levantamento topográfico, medição e planta aproximada da área em estudo;

2 — Cobertura fotográfica do local e das operações;

3 — Exame estratigráfico do desentulho, proveniente das tumulações, o qual se achava amontoado no exterior, sobre o patamar;

4 — Estabelecimento de dois pequenos testes estratigráficos no recinto da caverna;

5 — Retirada controlada do capeamento aluvial que constituía o primeiro estrato dos enchimentos; descoberta do alinhamento rochoso que repartia a caverna em duas divisões;

6 — Continuação do desentulho controlado no primeiro compartimento, pelo deslocamento de pedras e remoção de um aterro, conseguindo assim um espaço plano onde se praticaram duas trincheiras estratigráficas;

7 — Abertura de uma passagem (pela remoção de uma rocha) para o segundo compartimento, desentulho controlado do mesmo;

8 — Crivação de toda a terra dos enchimentos em malhas de 4 mm;

9 — Amostragem da terra para exame químico, granulométrico e petrográfico;

10 — Colheita de carvão para análise de carbono 14.

11 — Numeração e embalagem das peças arqueológicas.

Exame do desentulho amontoado no patamar pelo reconhecimento dos estratos:

Dimensões do corte: 4mx4m, com 50 cm de espessura. Direção: NS

Foram identificados três estratos que correspondiam aos respectivos desaterros, como segue:

I estrato 15 cm de espessura.

Camada de terra aluvial siltica pisada, pardusca amarela, lavada pelas enxurradas sazonárias do inverno. Matações, coquinhos. Ausência de material arqueológico. Trata-se de uma escavação que data de um a dois anos.

OBS.: Uma parte dessa terra foi crivada *in loco*, pelo autor do desaterro.

II estrato 20 cm de espessura.

Terra aluvial siltica comprimida, pardacenta, quantidade de matações. Camada completamente estéril. Desaterro um pouco mais antigo do que o precedente.

III estrato 15 cm de espessura.

Terra aluvial siltica compacta, escura, base argilosa. Concreções de argamassa de argila endurecida, contendo óxidos ferrosos e ligados a matações. Raízes, cinzas e pedrarias. Forneceu 14 cacos de cerâmica da fase Brocotó e alguns fragmentos de ossos humanos. Esse desentulho provém de data recuada.

OBS.: Ligeira inclinação dos estratos rumo EW. Remoção de alguns pesados blocos (com vestígios de argamassa) emergentes na superfície e repousando na base do último estrato.

Testes experimentais no interior da caverna:

Foram cotejados os dois testes acima mencionados, assim como as demais escavações subseqüentes, a partir da linha de nível superior da *superfície encontrada* no início dos trabalhos.

Dimensões dos cortes: 1mx1m (cada um), em dois pontos opostos mais colaterais à entrada. Níveis artificiais arbitrários.

Corte A, lado W (perto de uma fresta).

Nível O — 0,20cm. Terra aluvial siltica pardacenta, poenta, sem concreção. Pouco humus, alguns dejetos de animais. Coquinhos dendê. Bolotas de argila. Matações. Vestígios de carvão vegetal.

OBS.: O fundo rochoso impediu atingir maior profundidade.

Corte B, lado E.

Nível O — 0,25cm. Terra idêntica à escavação anterior, mesmo conteúdo. Na base, afloramento entre pequenas rochas, das bordas de um vasilhame de cerâmica em posição basculhada.

Nível 0,25cm — 0,65cm. Do lado S da escavação, rochas, aglomerados de argila siltica, presença de caulim. Matações

(granito). Do lado N intrusões de terra aluvial. Exumação de um vasilhame de cerâmica que continha os remanescentes de um crânio humano, fragmentos de ossos, alguns dentes, cacos de cerâmica pertencentes à forma supra-referida. Forte aderência da cerâmica à argamassa do lado S.

Prosseguimento das operações, estudo do primeiro compartimento:

Em consequência dos dados obtidos nos trabalhos anteriores, complementados pelos resultados de algumas sondagens que revelaram a aciditação do subsolo entremeado de rochas e aterros de pedras e argamassa, resolveu-se proceder primeiramente à retirada paulatina e controlada por nivelamento, do capeamento de terra aluvial siltica. Tal camada apresentava um declínio EW. A espessura bastante irregular oscilava entre 20 e 40cm, havendo recantos afastados onde se comprovaram, entre blocos, inclusões dessa terra, alcançando a profundidade de 80cm do antigo limite superior.

Durante os trabalhos de remoção da camada aluvial siltica, quando se pensou ter alcançado o máximo de penetração, deparou-se, à guisa de paredão, com um alinhamento de altas rochas, dividindo a caverna em dois compartimentos.

Cuidou-se então de prosseguir o estudo na área da parte dianteira, que recebeu o nome de primeiro compartimento, completando a retirada da supracitada camada de terra aluvial.

Constatou-se a presença de pouco humus, de raros excrementos de pequenos animais, coquinhos dendê, bolotas de argila, numerosos matacões. A malacofauna era representada por vários exemplares de *Estenogyra*. Ausência de material arqueológico.

Em continuação das tarefas da retirada dos depósitos, depois de esgotado a camada aluvial, deparou-se com um aterro de argamassa encostado ao alinhamento rochoso. Esse aterro de cerca de 50cm. de altura ocupava boa porção da área. Nele estavam embutidos pela base pequenos blocos de granito leucocráticos, cuja parte superior antes se identificava na camada aluvial de cobertura.

A argamassa era composta de argila e caulim, a cor variava do pardo rubificado ao amarelo embranquecido.

Não havendo ainda possibilidade de estratigrafia regular, procedeu-se ao desmonte metódico do aterro e de suas rochas, conseguindo-se assim uma certa área livre e plana a 90 cm de profundidade da superfície inicial da caverna.

Notou-se que a face superior das rochas deslocadas da argamassa eram lisas e polidas, sugerindo em épocas remotas contatos humanos. Uma grande pedra de 1m de comprimento e 70 cm de largura, por 0,25 cm de espessura, evocava pela sua feitura a idéia de ter sido usada para polimento de artefatos.

No espaço finalmente desobstruído, estabeleceram-se duas trincheiras estratigráficas contíguas (C e D), perto da entrada.

Descrição do Corte C:

Orientação: mais ou menos EW. Dimensões: 2mx1m Níveis: de 0,20cm

Nível 90-110cm

Terra siltica amarela rubiácea. Concreções de óxidos de ferro, caulim. Inclusões sedimentares pardacentas. Pedregulhos. Vestígios de carvão vegetal esparsos.

Nível 110-130 cm

Terra siltica amarela-escura. Inclusões sedimentares mais escuras do que as precedentes. Matações. Maiores vestígios de carvão vegetal.

Nível 130-150 cm

Terra siltica embranquecida. Presença de caulim. Raras concreções ferrosas. Pedregulhos.

Descrição do Corte D:

Orientação: adjacente à primeira.

Dimensões: 1m80cmx0,80cm.

Níveis: de 0,20cm

Nível 90-110 cm

Terra siltica amarela. Caulim. Inclusões sedimentares pardacentas. Pedregulhos. Vestígios de carvão vegetal esparsos.

Nível 110-130 cm

Terra siltica amarela, caulim, raras inclusões sedimentares pardacentas. Matações. Vestígios de carvão vegetal.

Nível 130-150 cm

Terra siltica embranquecida. Caulim em abundância. Pedregulho.

OBS.: Essas escavações foram estéreis em material arqueológico, a não ser os vestígios de carvão.

Desaterro do segundo compartimento

De início, deslocou-se com grandes esforços um pesado bloco do paredão que dividia a caverna, conseguindo-se assim ingresso no segundo compartimento, também atulhado de terra aluvial. Posteriormente intentou-se remover outras matações das duas extremidades, obtendo-se outras entradas.

Não houve possibilidade de estudos estratigráficos concretos devido à falta de altura e aos constantes desmoronamentos. Entretanto, instalou-se um sistema de níveis laterais destinados ao registro da posição dos objetos encontrados.

A camada de terra aluvial siltica retirada controladamente, formava um único estrato com a espessura média de 80 a 90 cm, repousando sobre rochas irregularmente planas, onde se deteve o desentulho.

Entretanto, a cerca de 1,70m distante do paredão, a sondagem revelou a existência, entre rochas, de um sulco de 0,40cm de largura, com paredes verticais lisas, e que parece atravessar o compartimento na direção EW. Por estar atulhado, foi escavado estratigraficamente, em níveis artificiais de 0,20m, num comprimento de 2,50m. Seu enchimento constava da mesma terra aluvial siltica acima referida. Atingiu-se a profundidade de 1,20m sem outras alterações, a não ser o encontro de carvão vegetal e raros implementos líticos fortuitos coletados a 90cm. (*) Toma-se em referência a altura média da linha de nível superior do primeiro compartimento.

Características dos enchimentos do compartimento:

Terra siltica pardacenta, mais escura na superfície, presença de alguns humus e raros excrementos de pequenos animais, pedras e matações de granito em boa quantidade, torrões de argila preta, coquinhos dendê carbonizados, cascas de angico em decomposição.

Material arqueológico coletado:

Vinte e quatro implementos líticos referências RI-68 a R24-68, vários fragmentos de núcleos, 27 lascas, pequenos cacos de cerâmica Brocotó Simples. Esse material achava-se quase todo, de 80 a 90cm de profundidade, atrás do alinhamento rochoso, no canto W.

Efetuuou-se a colheita de amostras de terra em diversas alturas e posições. A terra foi crivada escrupulosamente.

OBS.: O desentulho total deste compartimento não foi ultimado, há indícios de que o salão se prolonga ainda em direção S.

IV — DESCRIÇÃO DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

A Cerâmica da caverna do Angico:

No sopé do paredão recolheram-se dez fragmentos. O desentulho do patamar forneceu dezesseis outros. No segundo com-

partimento encontraram-se quatro. Perto de uma furna, localizada a 50m da caverna do Angico, acharam-se trinta e cinco.

O vasilhame funerário proveniente da escavação estava fendido em dezoito pedaços. A maioria foi recuperado conjuntamente, por estarem os cacos ligados entre si pela ganga de terra. Depois do estudo dos fragmentos, a forma foi restaurada.

Portanto, a mostragem consta de um recipiente recuperado e de sessenta e cinco cacos, sendo alguns de diminuto tamanho. Se esta pequena coleção é ainda insuficiente para estudo, ela não deixa de apresentar valor, tendo fornecido dados correlativos e adicionais interessantes.

Todos os cacos do Angico se enquadram perfeitamente, pela manufatura e tipologia, na fase Cerâmica da Pedra do Caboclo, já descrita em outra publicação (Laroche: 1970).

Estão incluídos na coleção, vários exemplares pretos na face interna, e outros que mostram a ornamentação Brocotó linhas onduladas. Um caco apresenta também entalhes na crosta, aparentemente posteriores à fragmentação.

Tal qual na Pedra do Caboclo, há superfícies com riscados desordenados, porém frequentemente penetrantes.

Com exceção de um tipo novo, as formas são semelhantes àquelas publicadas com algumas variantes.

Trata-se de tigelas e vasilhames de médias dimensões, se bem que a grossura e feitura de certos cacos induzem a pensar que existiam vasos de maiores proporções.

Os fragmentos das bordas têm, preferencialmente, lábios arredondados apontados com falhas planas, e deixam crer que as formas ou bocas são, às vezes, ovalizadas. Releva-se um tipo de lábio em bisel. Por ser de reduzido tamanho, há dúvida sobre um pequeno fragmento de borda com lábio grosso e plano, que seria oriundo de um recipiente retangular.

A quase totalidade das amostras pertence ao tipo Brocotó Simples (areia miúda, quartzo). Somente 7% pode ser classificada no tipo Umburetama Simples (carvão, cacos moídos, quartzo). 67% dessa coleção têm núcleos pretos insuficientemente oxidados, o restante, com melhor cozimento, é de cor marrom.

O principal componente do antiplástico dos tipos cerâmicos do Angico é o quartzo hialino fino, ocasionalmente em grânulos maiores, e, em vários casos, ocorrem partículas de mica. A areia usada é sempre fina.

Certos cacos pertencentes ao Brocotó Simples do Angico, impressionam pelas boas qualidades, por esse motivo, julga-se interessante descrevê-los:

PASTA

Tempero: Areia miúda com partículas finíssimas de quartzo hialino e raros vestígios de cacos moídos. *Textura:* Argila preta bem amassada, com distribuição uniforme. Fratura regular, não friável. *Cor:* O cozimento é homogêneo, porém insuficiente. Núcleo preto uniforme, com faixas laterais róseas de 1,5mm de espessura, perfeitamente oxidadas.

Método de Manufaturação: Acordelado.

Superfícies: *Cor:* Castanho escuro brilhante no exterior, fôsko e mais escuro no interior. *Tratamento:* Revestimento de um banho lustroso, que em novo deve ter dado um aspecto de verniz do melhor efeito. Um ligeiro bordalete interno parece ter sido colorido em vermelho. O contato com as paredes é suave, sobretudo no in- (Laroche 1970:36). *Dimensões:* boca: 28cm; altura total: 15cm; (Laroche 1970:36). *Dimensões:* boca: 28cm; altura total: 15cm; espessura na borda: 9mm espessura na base: 14mm bordas direitas com faixa de 7mm. Lábios arredondados apontados, porém com falhas aplanadas.

Em virtude da sua especial importância cerimonial, passa-se também à descrição do vasilhame funerário que pertence identicamente ao Brocotó Simples, com a ressalva de apresentar no tempero raros grânulos que atingem 1cm.

PASTA

Tempero: Areia fina, com partículas de quartzo hialino fino e raros grânulos maiores que vão até 1cm, vestígios de cacos moídos e impurezas. *Textura:* Pasta argilosa sem uniformidade, com irregular distribuição. Fratura irregular, ora friável, ora não. *Cor:* Cozimento irregular, mas que às vezes alcança boa oxidação, núcleos cinzentos e castanhos.

Método da Manufaturação: Visivelmente acordelado, os cacos apresentam formas retangulares ou subtriangulares.

Superfícies: *Cor:* Tonalidade pardacenta, quase amarela na base. *Tratamento:* Mal alisado no exterior, contato rugoso e poroso. Superfícies *bosseleés* sobretudo na base. Fendilhamentos, marcas de erosão, de fogo (de um lado). Percebe-se o brilho das partículas de quartzo hialino nas paredes. *Dureza:* 3; *Forma:* Brocotó tipo 1, variante A; *Dimensões:* boca: 35cmx33cm; altura: total 17cm; espessura na borda: 8 a 9 mm; espessura na base: 14 mm; bordas direitas, lábios irregulares, ligeiramente apontados mas com falhas planas.

Descrição das Formas Cerâmicas

A reconstituição hipotética dos vasilhames do Angico, forneceu cinco formas. Quatro delas já eram conhecidas como básicas na fase Cerâmica da Pedra do Caboclo.

Passa-se a descrever as formas encontradas na caverna do Angico e nas suas imediações, e a indicar suas correlações com os tipos da fase supracitada. (Laroche: 1970; 36).

A: semi-esférica, base arredondada, bordas retas, lábios arredondados apontados com falhas aplanadas. Dimensões: diâmetro 35cmx33cm (ovóide); Altura: 17 cm; espessura das paredes na borda: 8mm, na base: 14mm. Pode ser classificada no tipo A da forma n.º 1.

A¹: semi-esférica, base arredondada, bordas retas, apontadas porém com falhas planas, paredes mais curtas. Dimensões: diâmetro 28cm Altura: 14,6cm. Espessura na borda: 9mm, na base 14mm. Semelhante à forma n.º 1.

B: Formato aproximado de alguidar em meia calota, base arredondada, paredes curtas, bordas inclinadas externamente, lábios arredondados ligeiramente apontados. Dimensões: diâmetro 35cm. Altura: 11,5cm Espessura das paredes: 8mm, na base 14mm. Existem duas variantes: uma com 35cm de diâmetro, altura 8,5cm. Outra com 32cm de diâmetro e 7,5 cm de altura, esta com borda inclinada externamente, lábios redondos. Espessura nas paredes: 7mm, na base 12mm. Essas formas se identificam com a n.º 2.

C: semi-esférica, base arredondada, tem bastante altura e bojo. Bordas extrovertidas, lábios grossos redondos. Dimensões: boca 22cm. Altura: 18,5cm. Espessura das paredes: 10mm. Forma aproximada da n.º 3.

D: Pote esférico, paredes bojudas, base arredondada, boca constricta em formato elítico ou ovóide. Borda introvertida. Lábio meio arredondado, quase cortado verticalmente. Dimensões: diâmetro 22cm (da boca). Altura: 28,5cm. Espessura das paredes: 10mm, na base 15 a 16 mm. Enquadra-se na forma n.º 4.

E: Pote de paredes curtas, formato arredondado, bordas inclinadas internamente, lábio meio apontado de um lado e em bisel externamente. Dimensões: diâmetro 20 cm. Altura: 12cm. Espessura: 9mm. Forma nova na fase Brocotó onde passará a ocupar o n.º 7.

OBS.: É evidente que pelo menos, uma boa parte dessa cerâmica se destina ao ritual funerário. Não se colheu nenhum índice que sugerisse uma utilização para fins culinários.

OS VESTÍGIOS ANTROPOLÓGICOS

O vasilhame funerário exumado nos estratos da caverna tem a narrativa das circunstâncias do seu achado na parte estratigráfica deste relato, e a sua descrição como tipo cerâmico no capítulo correspondente.

Pelo croquis apresentado verifica-se o afloramento da forma na base do 1.º nível do teste B entre rochas, em posição basculada sobre a carena.

No interior do recipiente havia um compacto aglomerado de terra aluvial, e raízes, que continha os remanescentes de um crânio humano. Esses restos achavam-se fortemente ligados a sólida ganga de terra úmida. Foram necessárias muitas horas de cuidadoso trabalho para desembaraço e limpeza de tais ossos cranianos.

Concluída a operação de resgate, constatou-se apenas o salvamento de um conjunto que compreende: restos do frontal, a maior parte do parietal esquerdo, um terço do direito, uma meia órbita, a porção glenoidal-auricular-mastóide esquerda, e outros miúdos fragmentos.

Ausência da face, das mandíbulas, a não ser alguns dentes.

Todas as peças ósseas achavam-se em péssimo estado de conservação. Foram-lhe aplicados vários banhos de Duco e acetona. Depois de consolidados, os fragmentos permitiram uma tentativa de restauração do frontal e a colocação da meia órbita.

Os ossos desse encéfalo-esqueleto estão em adiantada desintegração. São levíssimos, traumatizados, erodidos e picoteados. A coloração é amarelo-ferruginosa, com manchas esverdeadas.

Na parte interna do parietal direito, anota-se perda de substância óssea, talvez devido a um processo patológico, que por osteoclasia, teria ocasionado uma redução da espessura da parede, sendo provavelmente responsável pela destruição da porção faltante.

O crânio é microcéfalo. Sua pequenez favorecia a hipótese de um indivíduo ainda jovem. Entretanto, as suturas obliteradas a ponto de serem pouco visíveis na linha sagital, regiões "obélica e póstica", sugerem uma idade de 40 a 45 anos, isto é, no caso de se desprezar a possibilidade de uma sinosteose prematura ou qualquer outra aberração racial.

Examinada pela norma vertical, apesar do contorno incompleto, vê-se que a forma era esfenóide ou brisóide. A linha sagital apresenta no término da parte cerrada uma depressão circular em concavidade, de 3cm de diâmetro. O parietal esquerdo é de boa conformação, euribregmática. O direito, com alterações anatômicas e mutilações possivelmente fomentadas por um estado patológico e a provável compressão póstuma.

Pela norma posterior, o crânio é domiforme (ligeira esfenocéfalia). O lambda está ausente.

Quanto a forma facial pouco se pode deduzir. As órbitas eram ovalizadas. A quase inexistência da saliência da linha orbital, a curva suave metópica; esses traços seriam indícios do sexo feminino. A cavidade glenoidal atravessada, larga, profunda e a raiz zigomática prolongada e excêntrica, revelariam um rosto euriprosopo, com maxilar inferior desenvolvido. A apófise mastóide bastante volumosa concorre para a idéia de músculos possantes.

Raras medidas corretas foram possíveis: intervalo biorbitário: 18mm; distância biorbitária externa: 96mm; largura da órbita: 35mm; espessura do crânio no bregma: 7,5mm. Entretanto, outras mensurações por cálculo, de caráter hipotético podem ser obtidas.

Quanto aos dentes encontrados no vasilhame funerário, eles estão também em estado de desintegração, fragmentados, raízes afetadas ou ausentes. São de uma fragilidade que dificulta a manipulação. Trata-se de: 1 I, 4 PM, 1 M birradicular, 2 M trirradicular e 1 coroa de M.

Pelo tamanho são normais, talvez um pouco grande em relação ao crânio, se bem que por contraste a coroa M sugere um caso de microdontia. Essa coroa sem raízes, mais afetada pela abrasão é susceptível de pertencer ao maxilar inferior, onde ocorre maior atrito por mastigação.

Anotam-se em todos os dentes abrasões, grau 1 e 2 de Broca, e mesmo 4 no I. Apesar do mau estado e da abrasão, tem-se a impressão de que os dentes *in vivo* gozavam de higidez periapical, não havendo exposição da câmara pulpar, a não ser no I.

Registram-se duvidosas ocorrências de princípio de cárie em dois dentes. A dentina secundária, que contrabalançava os desgastes das superfícies oclusais, está em via de destruição pela ação do tempo e das condições de sepultamento.

Nesse indivíduo de idade avançada, a puição dentária efetua-se em plano, com ligeira inclinação palatino-vestibular, da esquerda para a direita.

Em relação aos raros pedaços de ossos encontrados na escavação, os quais devem ter pertencido a esse enterratório, assinala-se entre eles um fragmento de tibia em estado patológico.

De tudo se conclui que os vestígios humanos acima estudados pertenciam a um indivíduo provavelmente do sexo feminino, de estatura nanica, com tendência evidente à braquicefalia. Era provavelmente portador de patologia óssea e deve ter falecido aos 40 ou 45 anos.

Registra-se o caráter de antiguidade que parece caracterizar esse enterratório.

OS ARTEFATOS LÍTICOS DA CAVERNA FUNERÁRIA DO ANGICO

Foram todos coletados no segundo compartimento a 80cm de profundidade, no recanto W. Constam de poucos implementos, de algumas pedras susceptíveis de uso manual, de núcleos debitados e de estilhas de lascamento e outros *debris* de fabricação.

De permeio com este material lítico acharam-se cacos de cerâmica Brocotó Simples. As circunstâncias permitiram a idéia de associação cultural entre esses elementos arqueológicos, apesar das unidades em conexões serem reduzidas.

Discriminação mineralógica da matéria-prima — Os ocupantes da caverna utilizaram preferencialmente os quartzos. São de fácil prospeção nas vizinhanças, nos filões das rochas metamórficas, ou sob a forma de núcleos espalhados no terreno.

Foram usadas na manufatura as seguintes variedades: quartzo leitoso, hialino, citrino, róseo, ametista, esfumado. Uma pedrinha foi trabalhada em afrisita. Houve também aproveitamento de granito porfiróide e sílex. O sílex não existe na região.

Características da indústria lítica — Sendo a coleção pequena, ferramentas tidas como intencionais apenas vinte e quatro, as deduções que dela se depreendem serão por enquanto provisórias, resumidas e insuficientes para fixação de uma tipologia. É provável que os achados líticos supracitados pertençam às culturas Brocotó e Umburetama da fase Cerâmica da Pedra do Caboclo.

Entretanto, na manipulação do conteúdo arqueológico da caverna funerária do Angico, verifica-se logo a existência de um certo desequilíbrio cultural entre o acabamento das cerâmicas em referência e as qualidades toscas e primitivas da maioria desses artefatos líticos.

Outrossim, há outra discrepância entre a fina manufatura das pontas e a grosseria do restante do material lítico.

Tais observações tendem a sugerir intrusões culturais, a não ser que grande parte desses litos provenham de uma fabricação de emergência, que atendeu talvez no local, as necessidades do cerimonial funerário. Seria, portanto, inoportuno e arbitrário estabelecer sobre as presentes amostras uma hipótese cultural objetiva.

Percebe-se, todavia, na estrutura das peças, um processo de fabricação padronizado. Sem pretender a uma diagnose completa, pode-se dizer que os objetos líticos do Angico possuem características comuns. Trata-se de uma indústria rústica e leve de pequenas peças bifaciais, se bem que, o principal trabalho de lascamento, ocorre preferencialmente numa única face. Os formatos predominantes mos-

tram-se retangulares ou triangulares, com variações. São fragmentos de núcleos, ou de esquirolas espessas, desbastados pela retirada de lascas colaterais, bilaterais ou oblíquas, completadas por lascamentos secundários irregulares, sem mais operações a não ser o retoque dos gumes, e o decorticamento parcial. Os retoques, difíceis de perceber, são mais pronunciados num lado do que no outro. Todos os artefatos trazem vestígios de córtex, e possuem pelo menos, uma face plana. O sistema de percussão é direto, o plano largo na extremidade, parecendo elaborado em previsão do aproveitamento, para gume ou prensão. O ponto de impacto, contundente. Os bulbos são pouco visíveis. Há cristas transversais com arestas definidas. A fabricação das pontas é mais cuidada, parcialmente por pressão.

Certas minúsculas ferramentas (peças de 23mmx18mm) divergem na manufaturação. Sendo ferramentas fortuitas, guardam a forma natural. Passaram tão somente por processo de decorticamento, seguido do ajustamento de uma única aresta e, deste modo, singelamente transformados em raspadores ou cortadores.

O raspador fabricado em afrisita é desse tipo. Ele ostenta como bordo ativo, um curioso pequeno macho de cristal cortante. No gume de dois desses micrólitos, encontraram-se partículas de resina. Na queima, tal resina exalou um odor perfumado.

Os artefatos da caverna do Angico diferem dos tipos "uni-faces" da Pedra do Caboclo (5). No que se refere as supracitadas pontas, podem-se comprovar pelos atributos, analogias com certa indústria lítico-arcáica ainda não identificada do Sul do País.

Apresentação sumária de alguns artefatos

Pontas:

F 1 — 68 Lamínula cortical bifacial de quartzo hialino. Formato triangular. Base convexa, adelgada transversalmente em bisel para encabamento. Na face dorsal em quina, há vestígios de córtex e patina, e um dos gumes, o mais afiado, foi fabricado longitudinalmente por um lascamento oblíquo, ângulo 50° e retocado por pequenos golpes paralelos. A face inferior convexa foi descorticada e ajeitada por retoques que partiram da parte mediana em direção aos fios dos gumes. Alguns desses retoques são coincidentes. A seção transversal da peça é subtriangular, a longitudinal em paralelogramo assimétrico. Visto pela norma lateral, nota-se uma depressão a um terço do ponto distal. Este entalhe é conhecido em outras pontas procedentes do sítio da Lagoa da Casa.

- Dimensões: 27mmx14mmx8mm. Relação 1:1,9. OBS.: O aspecto da patina na base, comprova o encabamento. Trata-se de uma ponta de arma de arremesso.
- F 2 — 68 Minúscula peça de ametista bifacial. Idêntica pelo formato e manufatura ao objeto anterior. Dimensões: 18mmx11mmx6mm. Relação 1:1,6. OBS.: Provável ponta de dardo.
- F 15 — 68 Peça bifacial de gume duplo, em lamela de sílex, cor alaranjada. Formato triangular, com ponta recurvada de seção triedra. Face dorsal em quina, produzida por lascamentos. Base plana, vestígios de córtex. Chanfradura para encabamento na face inferior plana, que apresenta também ondas. Os gumes são opostos. Um deles na periferia externa distal, prolongado na direção proximal por um dorso de preparo de 5mm de espessura. O outro gume inteiro é lavrado em bisel, ângulo de 50°. Foi retocado com pequenos golpes contínuos e paralelos. Os retoques nessa peça são unifaciais. Há desgastes no fio dos gumes. A seção transversal é subtriangular, a longitudinal triangular. Visto pela norma lateral nota-se uma depressão que afina a ponta dos dois terços, até o ponto distal. Dimensões: 33mmx19mmx8mm. Relação 1:1,7.
OBS.: Havendo um dorso oposto a um gume, considerou-se o objeto como faca, embora pudesse ter sido utilizado em ponta de dardo.

Raspadores:

- F 3 — 68 Raspador terminal bifacial em quartzo esfumado. Formato retangular alongado. Talão com chanfraduras para encabamento. Remanescências de córtex na face superior polida. Lascamentos colaterais, vestígios de cristas na face inferior. Gume em bisel arqueado na extremidade distal, ângulo de 50°, desbeichoado oblíquo pelo uso. Os retoques são superficiais. As arestas longitudinais ásperas. Vista em plano, a peça é ligeiramente curvada, os lados mais ou menos aplainados. A seção transversal é quadrada, a longitudinal em meia ogiva. Dimensões: 60mmx26mmx22mm.
- F 4 — 68 Raspador ou cortador bifacial em quartzo. Formato sub-retangular. Superfície de prensão lateral. Vestígios de córtex. O gume na extremidade é arqueado 20°, fabricado pelo desbeichoamento da peça em sentido longitudinal, completo por lascamentos transversais oblí-

- quos. Fio retocado em ambas as faces, vestígios de uso. Colocada sobre a face plana, vê-se na superior uma crista transversal, a um terço da parte proximal. A seção transversal é subquadrangular, a longitudinal triangular. Dimensões: 52mmx28mmx22mm. OBS.: Um implemento idêntico, foi coletado no sítio da Lagoa da Casa.
- F 5 — 68 Raspador bifacial duplo em quartzo. Formato sub-retangular. A preensão pode ser lateral, ou adjudada por depressões propositadas nas faces superior e inferior (no estilo dos raspadores ungiformes). Córtex num lado. Gumes, nas duas extremidades opostas em bisel, ângulos de 40° e 30°, vestígios de uso, reentrâncias nos centros, afiados por pequenos retoques e desgastes. Crista transversal numa face, idêntica a peça anterior. A seção transversal é subquadrangular, a longitudinal triangular. Dimensões: 47mmx29mmx18mm.
- F 7 — 68 Raspador bifacial em leque sobre quartzo. Trata-se de uma lasca inicial. Preensão nos bordos laterais em ângulo. Vestígios de córtex. Lascamentos faciais. O gume em formato de arco com 60°, afiado por pequenos retoques, marcas de uso e desbeicamento. A seção transversal é trapezoidal, e longitudinal triangular. Dimensões: 39mmx31mmx16mm. OBS.: Outras peças semelhantes foram achadas. O sítio da Lagoa da Casa forneceu diversas.

V — ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tarefas da caverna do Angico iniciaram-se em condições difíceis. A pouca altura no interior (50cm nos melhores cantos), dificultava os movimentos. Os dois testes realizados o foram em posição deitada, de bruços. Durante a canícula, a falta de suprimento d'água impôs certas restrições nos acampamentos provisórios.

Em compensação, desfrutou-se uma interessante visão panorâmica sobre uma região na qual as manifestações das cerâmicas Brocotó e Umburetama são comezinhas. Os fragmentos de vasilhames coletados no monte do Angico são eloqüentes relíquias, elas testemunham cabalmente a presença dessas culturas cerâmicas também atuantes na Pedra do Caboclo em épocas ainda não determinadas.

É oportuno lembrar que as notícias dessas notáveis indústrias do barro ocorreram em primazia no Município de Bom Jardim, no sítio acima referido, em 1968. Posteriormente, amostras, infelizmente sempre insuficientes, foram assinaladas tanto nesse município como nos vizinhos, e em lugares até distantes. Tais evidências já bastante repetidas, demonstram uma ocupação territorial de certo vulto.

Ultimamente, várias hipóteses (algumas fantasistas) tentaram explicar a origem e fixar a identidade da fase cerâmica da Pedra do Caboclo. Os estudos demonstram objetivamente serem incompletos os dados colhidos para este fim. As condições dos achados não permitiram até agora seriações importantes, nem sequer, curvas de popularidade apreciáveis, e tem havido falta de entrosagem com outras peças arqueológicas conhecidas.

Considerando-se, a idéia da associação de cacos com implementos líticos encontrados na caverna do Angico, não se obterá por enquanto, vantagem apreciável, no caminho do reconhecimento da dita cerâmica. Entretanto, a união desses elementos arqueológicos poderá constituir um passo importante, se for constatada em outros sítios. Têm-se de esperar que o desenvolvimento das pesquisas possa trazer maiores esclarecimentos.

Portanto, na impossibilidade em que se está, por enquanto, visto a falta de documentação objetiva para ligar essa cerâmica aos ocupantes históricos da região, será talvez oportuno lembrar que o território teria sido preferencialmente habitado por índios Cariri. A toponímia regional parece assaz profusa sobre o assunto e exemplificada pelos nomes das vilas e lugarejos do município.

A tentativa que se está levando a efeito, de estabelecer uma cronologia através do carbono 14, pelos vestígios de carvão vegetal encontrados na caverna do Angico, poderá determinar se existem possíveis tendências combinatórias entre os grupos indígenas conhecidos donos da terra, e a época da fase cerâmica supracitada.

Até a data atual, a preferência para os ambientes líticos elevados, e as furnas e cavernas têm caracterizada a presença das cerâmicas Brocotó e Umburetama. Dentro do quadro que abrange a área do município de Bom Jardim, a caverna funerária do Angico situa-se na faixa rochosa mais densa. A versão popular, constantemente ouvida nessas paragens, refere-se a achados de vasilhames nos topos dos montes. Quase sempre, são destruídos impiedosamente por aqueles que, enraivecidos, vêem frustrados seus sonhos de riqueza, o afortunado encontro de botijas recheadas de ouro.

A colheita de cacos em superfície; diante da entrada de uma grande furna, distanciada somente de 50m na direção E, da caverna funerária, não é, portanto, de causar admiração. Por infelicidade, dita lura foi também tumultuada. Entretanto, ela deve ainda conter material arqueológico importante.

Esses excídios causam grandes prejuízos à Arqueologia, danos ainda agravados pela paulatina destruição dos sítios líticos, em consequência do desabamento das rochas, provocado pelo intemperismo. Com referência aos movimentos geológicos atuais, as mudanças ocorrentes provêm de aterros e desmoronamento. Os fenômenos de erosão e transportes desgastam as rochas e as pendentes.

O exame das aglomerações rochosas, que encimam o monte do Angico, permite a hipótese de que os vários corredores e luras nelas situadas podem ter oferecido, em tempos recuados condições de moradia ou refúgio. Pelo aspecto atual, porém, tais condições parecem ter sido precárias e são difíceis de associar a um grupo humano mesmo de cultura pouco desenvolvida. Chegaram notícias da existência nos arredores de espaçosas cavernas com condições de moradia. Tais notícias não foram ainda comprovadas.

Não foi possível investigar amplamente as elevações circunvizinhas, mas a busca e a indagação nos valados e nas encostas mais acessíveis, com a esperança de localizar evidências ou indícios de habitações arcaicas, ficaram inúteis até o presente momento (6).

Do persistente estudo da caverna, da sua estrutura e conteúdo, consegue-se um acúmulo de dados, dos quais se depreende, que dita caverna teria sido agenciada para fins sepulcrais. Conseqüentemente, ela poderia fazer jus a denominação consentânea de "caverna funerária para enterratórios secundários".

Passa-se, a seguir, à exposição das observações colhidas.

Quanto à utilização do interior, pode-se supor contemporaneidade de atividades humanas entre o nível 0,80-0,90cm do segundo compartimento e o 110-130cm do primeiro compartimento. A pequena quantidade de carvão procedente desse último nível tende a sugerir pousos breves. Também os poucos litos do segundo compartimento parecem evidenciar a caverna como sede de atividades provisórias, possivelmente durante os preparativos para fins sepulcrais.

A análise da argamassa do aterro do primeiro compartimento forneceu sua composição, sendo 62% da argila pardacenta, própria da bacia do Tracunhaém na região. Destarte, tudo indica que os blocos de granito leucocráticos com superfície alisada, componentes do dito aterro foram manuseados e introduzidos propositadamente no recinto e ligados entre si pela referida argamassa de argila. (Esse tipo de argila provém dos baixos ou valados). O conjunto formava uma meseta ou banquetta bastante curiosa. Teria sido arranjada para agasalhar, entre as identações dos blocos que emergiam da sua superfície, a cerâmica de base redonda mantendo-a apoiada e equilibrada.

O vasilhame funerário do corte B deve ter sido depositado na extremidade da banquetta. Sob a força impulsiva dos progressivos enchimentos de terra aluvial, ele basculou e deslizou para o estrato inferior. A hipótese de enterramento na posição basculada é de difícil aceitação. Conseqüentemente, a formação da capa de terra aluvial do estrato superior dos compartimentos (erosão e terras carregadas pelas águas através de fendas internas) seria posterior à cerâmica funerária, e neste caso, não teria havido inumações propria-

mente ditas no interior da caverna, e apenas deposição dos restos mortais em cerâmicas.

Quanto ao cerimonial é digno de reparo que, até o momento, apenas se constatou em poucos vasilhames a presença do encéfalo esqueleto acompanhado de raros ossos de membros humanos. Além do achado estudado neste relato o padre descobridor do sítio encontrou também numa fôrma um crânio infelizmente esfacelado. No terceiro estrato do desentulho do patamar anotam-se cacos e fragmentos de ossos humanos. Portanto os vasos de cerâmica encerrados na caverna perfaziam pelo menos um número de nove, e que não continham na sua totalidade vestígios humanos. A probabilidade de tratar-se de enterratórios secundários distribuindo em vários recipientes ossadas de um mesmo corpo não obteve comprovação.

O crânio incompleto retirado do corte B, forneceu resumidas indicações antropológicas. Novas descobertas poderão confirmar a estatura pequena da raça, e a tendência a braquicefalia. Indícios de raças arcaicas humanas, branquicéfalas e pequenas já foram assinaladas em outros sítios arqueológicos deste Estado.

As observações levadas a efeito na fachada da caverna, levam a admitir que, depois da introdução dos vasos que continham os despojos humanos, a abertura atualmente em uso foi cerrada. Os exames químicos de várias amostras da acima referida terra aluvial de enchimento atestam um teor quase nulo de CaO , P^2O^5 e de matéria húmica. Causa estranheza a insignificância da quantidade de resíduos de excrementos existentes nesses enchimentos, tratando-se de um local onde a fauna era outrora sobremodo abundante, comprovação de que os animais selvagens não dispunham de ingresso fácil nos compartimentos naqueles tempos remotos.

Tal raciocínio se consolida ainda, ao verificar no patamar uma fresta do lado W conduzindo ao interior. Essa abertura, fácil de abrir ou fechar como uma rocha manuseável, pode ter sido a verdadeira porta para atender às serventias sepulcrais, se bem que sua franquia dependesse de indivíduos de pequena estatura.

Anota-se ainda de forma marcante a idéia ascensional que parece caracterizar os sepultamentos do Angico, preferindo os cumes das elevações.

Os únicos vestígios de ecologia alimentar achados no interior são pouco representativos e constam de coquinhos às vezes carbonizados.

A suposição de haver habitantes na caverna, em época anterior ou mesmo coetânea aos enterratórios em cerâmicas, não parece aceitável por enquanto. Entretanto, tal idéia não se acha de todo excluída.

O carvão colhido perto da fresta de entrada na superfície da camada aluvial superior pode evocar as visitas fortuitas de caçadores

ou fugitivos, em tempo bem mais recente. No recinto aterrado, a pouca altura permitia tão somente uma acomodação difícil, mesmo para indivíduos de pequena estatura.

Depois dos desaterros, a dimensão atual em penetração total, direção NS no interior, alcançou 8 metros. Atualmente a melhor altura (até o teto) é de 1m80cm (no 1.º compartimento).

As tumultuações ocorridas não autorizam a obtenção de maiores esclarecimentos sobre a serventia da caverna.

Nesse monte do Angico, têm-se de lastimar, infelizmente, o desaparecimento de evidências arqueológicas de suma importância, e a danificação de vários sítios, que resultam das malfadadas intervenções tão comuns nessas paragens.

Mas registra-se, com satisfação, que apesar das perturbações ocorridas, a pesquisa metódica e diligente ainda chegou à tempo de realizar na caverna o salvamento de vestígios interessantes.

Os dados fornecidos pela interpretação do resumido material recolhido poderão vir a constituir uma etapa avançada no esclarecimento da fase cultural da cerâmica Brocotó.

Algumas das amostras de carvão vegetal coletadas nos níveis O — 0,25, 0,90 — 110, 110 — 130 foram remetidas ao Prof. Valentin Calderón, Diretor do Museu de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia, para análises pelo carbono 14. Quando forem efetuados, os possíveis estudos das características inconfundíveis dos outros sete vasilhames procedentes dessa caverna (essa cerâmica está hoje em poder do Setor de Arqueologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco), poderão complementar o presente trabalho (7).

A ultimação dessa operação de salvamento arqueológico ocorreu em pleno período do inverno, num panorama completamente transformado, sob chuvas freqüentemente torrenciais e o solo recoberto por uma vegetação exuberante e com grande abundância de cereais.

ARMANDO LAROCHE

* O presente relato é contribuição do Gabinete de História Natural do C.E. P., destinada a reformar e ampliar o quadro ar-

queológico do Município de Bom Jardim. Eles podem ser considerados o prolongamento da pesquisa iniciada em 1968 na Pedra do Caboclo. (Laroche: 1970).

** É um dever apresentar agradecimentos àqueles que colaboraram nos trabalhos, entre os quais se destacam o Sr. Jarbas de Andrade Borges, prefeito do município de Bom Jardim, que financiou a maior parte da mão de obra; a Câmara de Vereadores desse município, que manifestou apoio moral dado às tarefas arqueológicas; o agrimensor Pedro José dos Santos, que auxiliou o autor deste relato; e o Instituto Tecnológico do Estado de Pernambuco (TEP), onde se realizaram as análises químicas e granulométricas. Os agradecimentos são extensivos aos leais trabalhadores amigos que muito se esforçaram.

1 Padre Hildebrando de Melo O.S.B., Professor de Teologia e Civilização da Universidade Católica de Pernambuco.

2 Nesse rio, a pequena distância da caverna do Angico, na direção W deságua o riacho Congengo.

3 Coordenadas geográficas: Latitude 7°45'59",7; Longitude WGR GR. 35 °35'23» Clima: As' de Koppen. Temperatura máxima: 32.°; mínima: 16.°. Precipitação anual 10009,1 mm.

4 Proprietário: Sr. Mário Barbosa.

5 Entretanto, estabeleciam-se correspondências com exemplares líticos coletados em superfície na Lagoa da Casa (Bom Jardim). Trata-se de um sítio arqueológico e paleontológico não estudado, paradeiro de diversos grupos culturais em ordem de tempo desconhecido.

6 Entretanto vale relatar, a descoberta realizada a 2 km de distância, direção N, na margem de uma estrada municipal, numa propriedade apelidada Chã do Caboclo, onde constatou-se na superfície do solo a presença de numerosos litos e cacos. O local foi demarcado apenas, e não estudado. Não se sabe portanto se tal ocorrência poderá trazer futuramente informações sobre o problema habitacional do grupo cerâmico Brocotó.

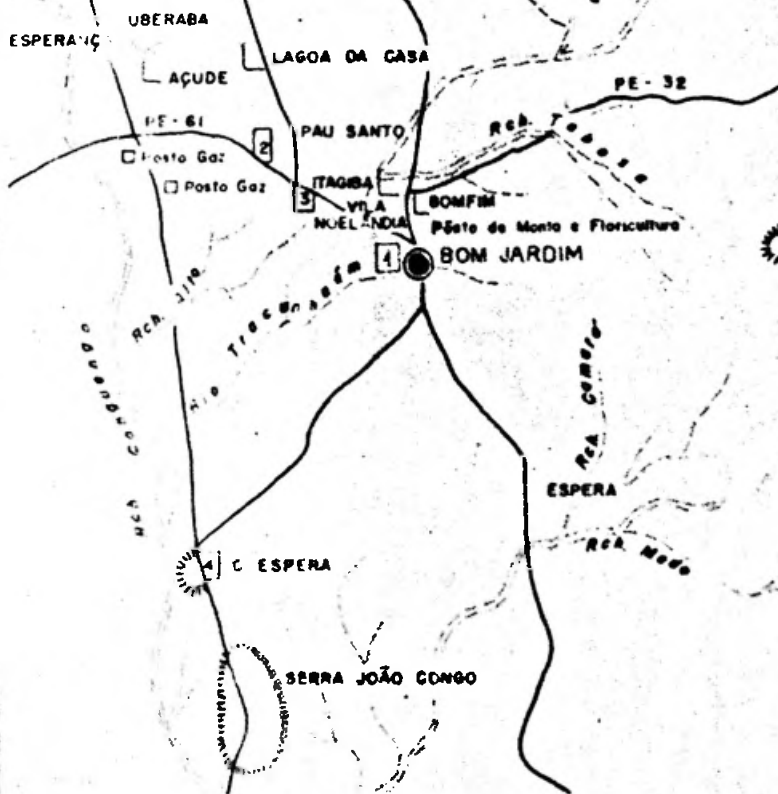
7 Nos últimos dias dessa pesquisa, comprovou-se a existência de numerosos cacos de cerâmica Brocotó, no acúmulo de terra diante da grande furna já citada, situada na direção E a cinquenta metros da caverna funerária do Angico. O fato foi narrado e comprovado no local pelo autor da tumultuação, um caçador de tatu que afirmou ter escavado penetrando profundamente no interior em perseguição à caça. Relatou a sua surpresa e espanto ao deparar com a cerâmica e os vestígios de ossadas. Nessa façanha cinegética, vários vasos funerários contendo despojos humanos foram destruídos com grande prejuízo para a arqueologia.

Deve-se reconhecer que tais acometimentos são difíceis de prever ou controlar. Não compete ao A. dessas notas sugerir providências mas uma campanha para o esclarecimento do público sobre valores arqueológicos. Através do rádio, da televisão e das escolas, ela poderia surtir algum efeito.

35° 40'



LOCALIZAÇÃO DA
CAVERNA DO ANGICO
(MUNICÍPIO DE BOM JARDIM)
- PERNAMBUCO -



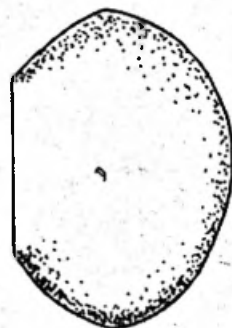
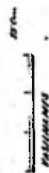
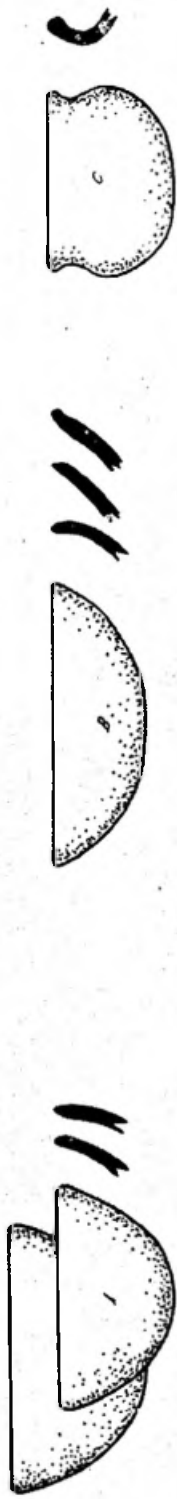
- 1 - Pedra do raboto
- 2 - Lagoa da casa
- 3 - Pedra do navio
- 4 - Caverna do Angico



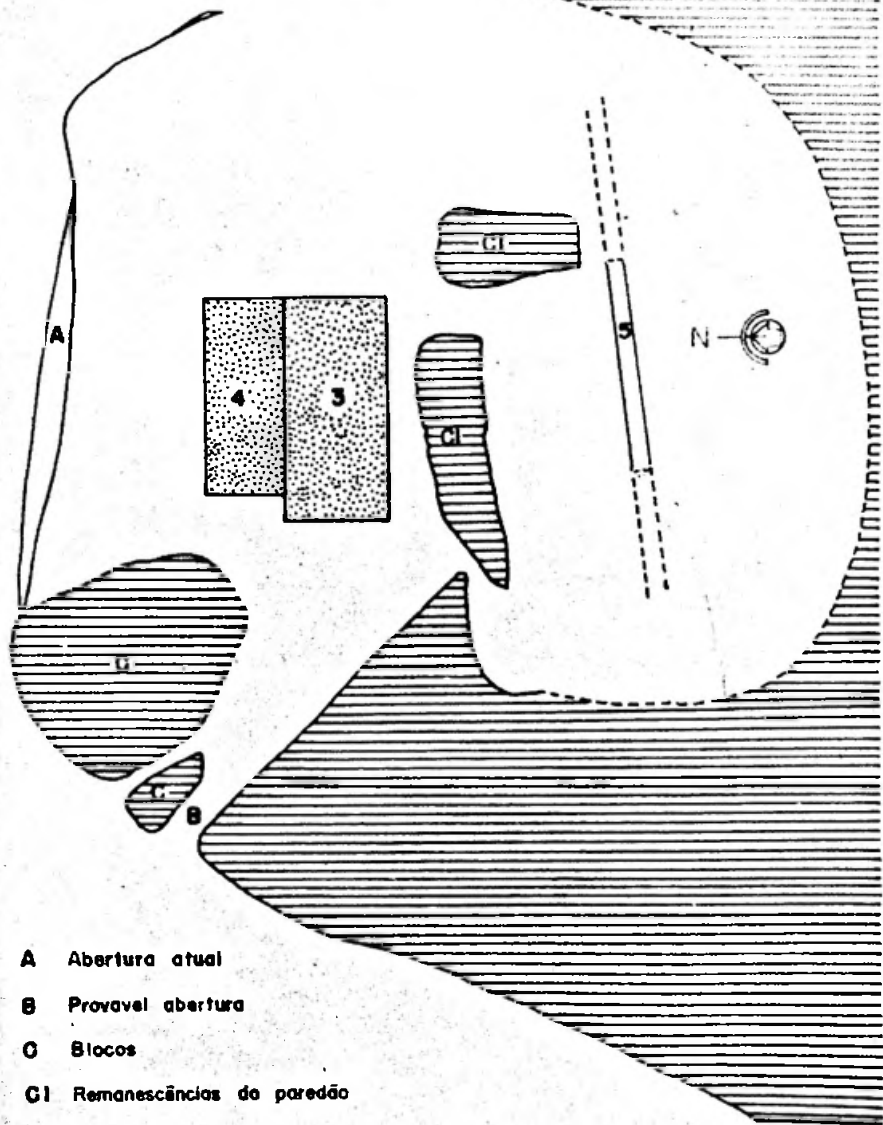


Vista do Monte da Caverna do Angico

CERÂMICA BROTO' DA CAIXONA FUNERÁRIA DO ANGIÇO
BOM JARDIM

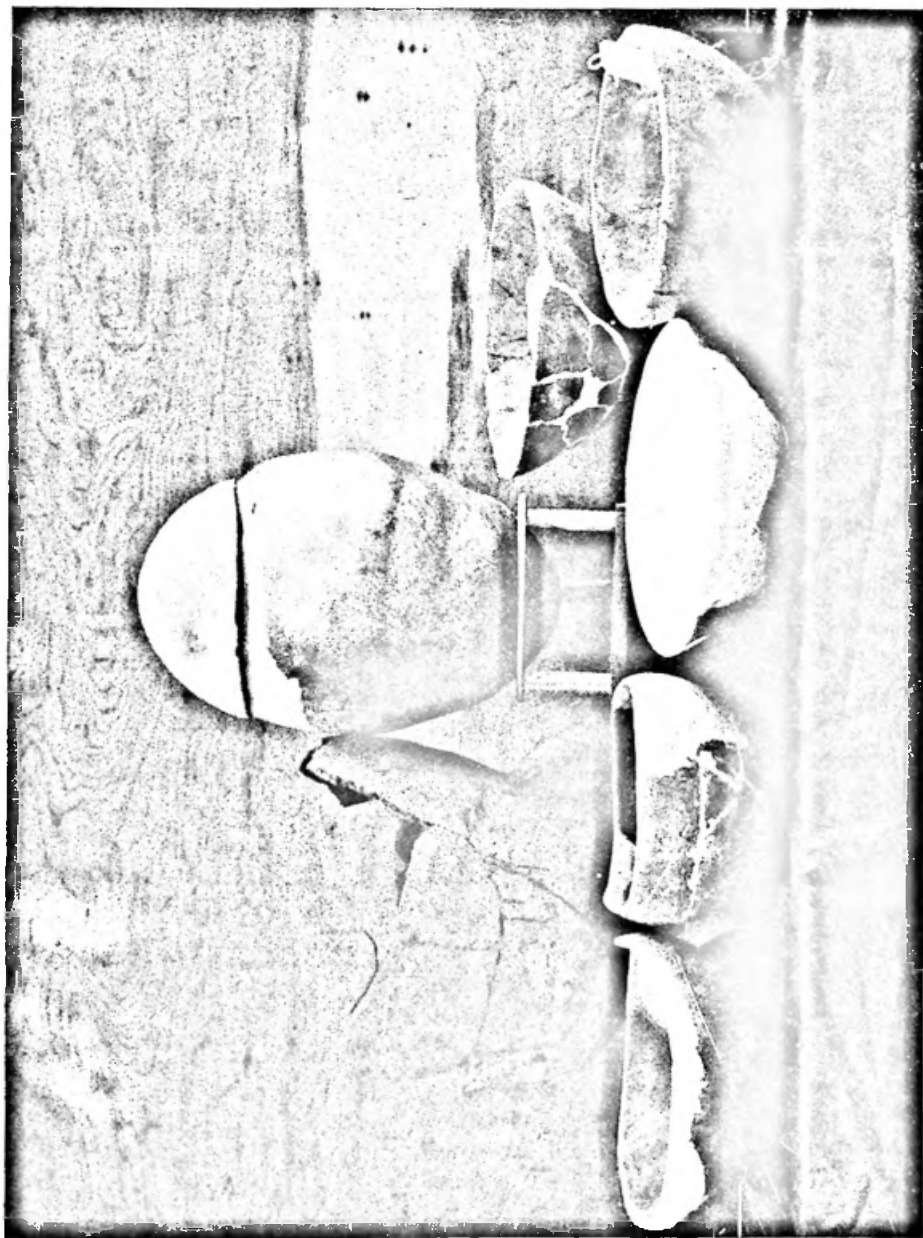


**PLANTA DO RECINTO DA
CAVERNA DO ANGICO
MUNICÍPIO DE BOM JARDIM
-PERNAMBUCO-**



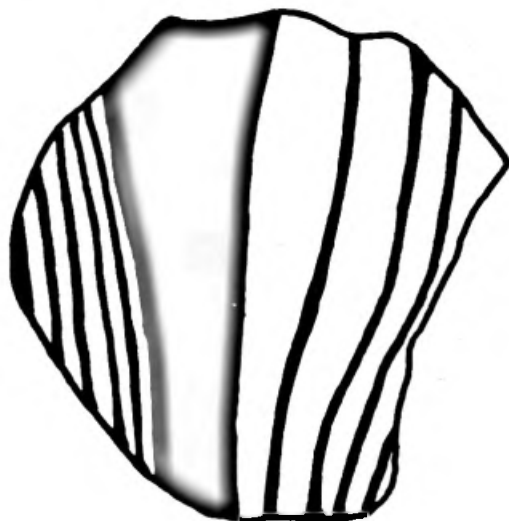
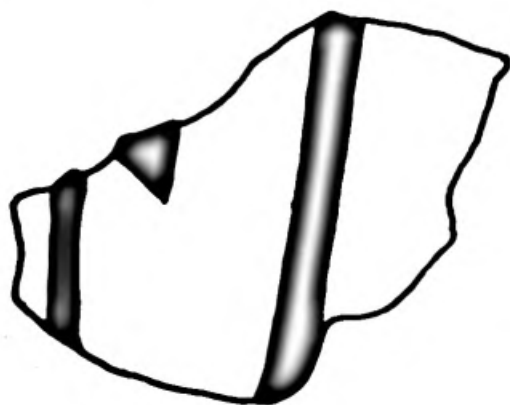
- A** Abertura atual
- B** Provável abertura
- C** Blocos
- C1** Remanescentes do paredão
- 3-4** Trincheiras **5**- Suíco
- Área conhecida
- Provável prolongamento da área

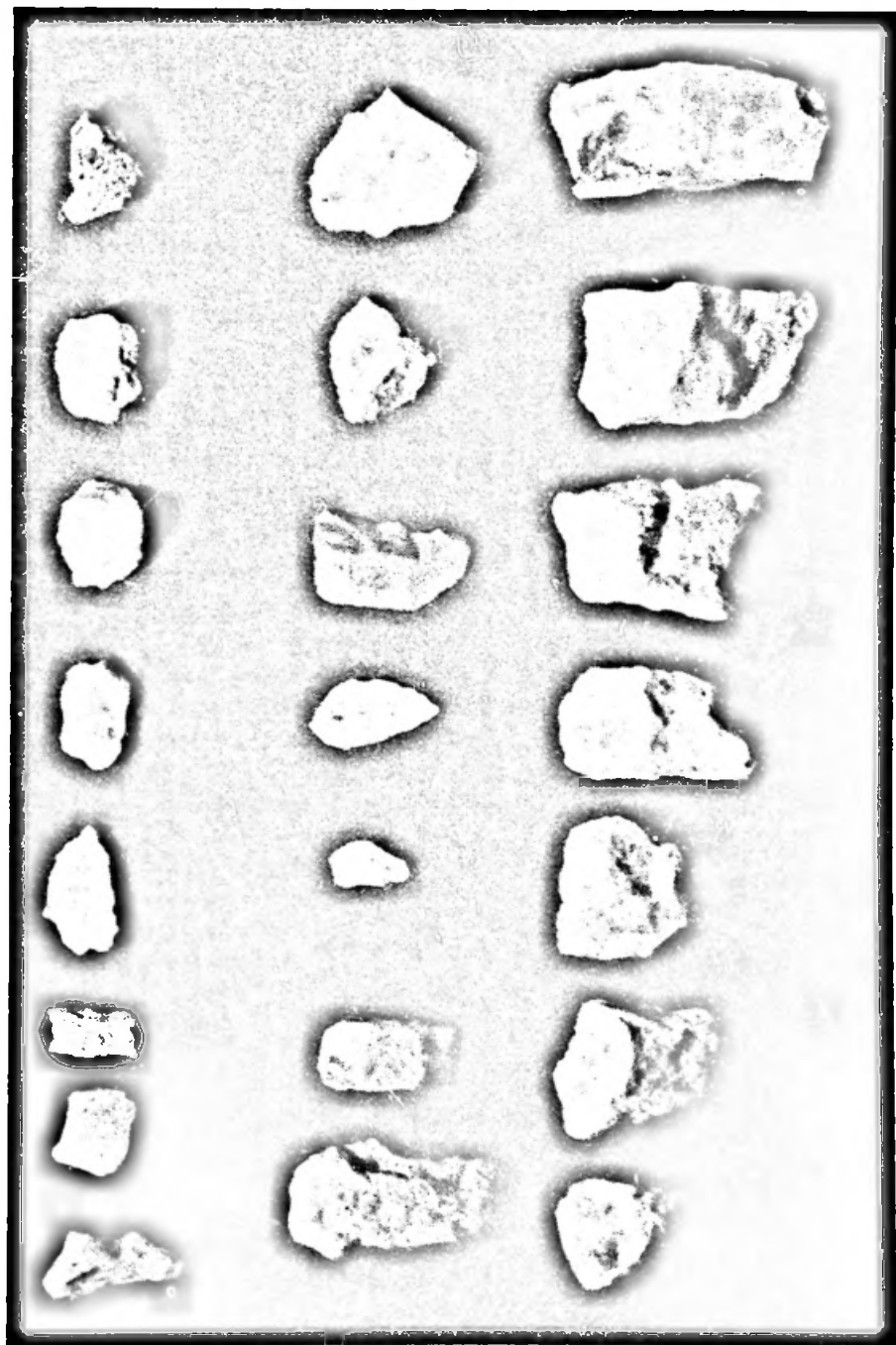
1 M



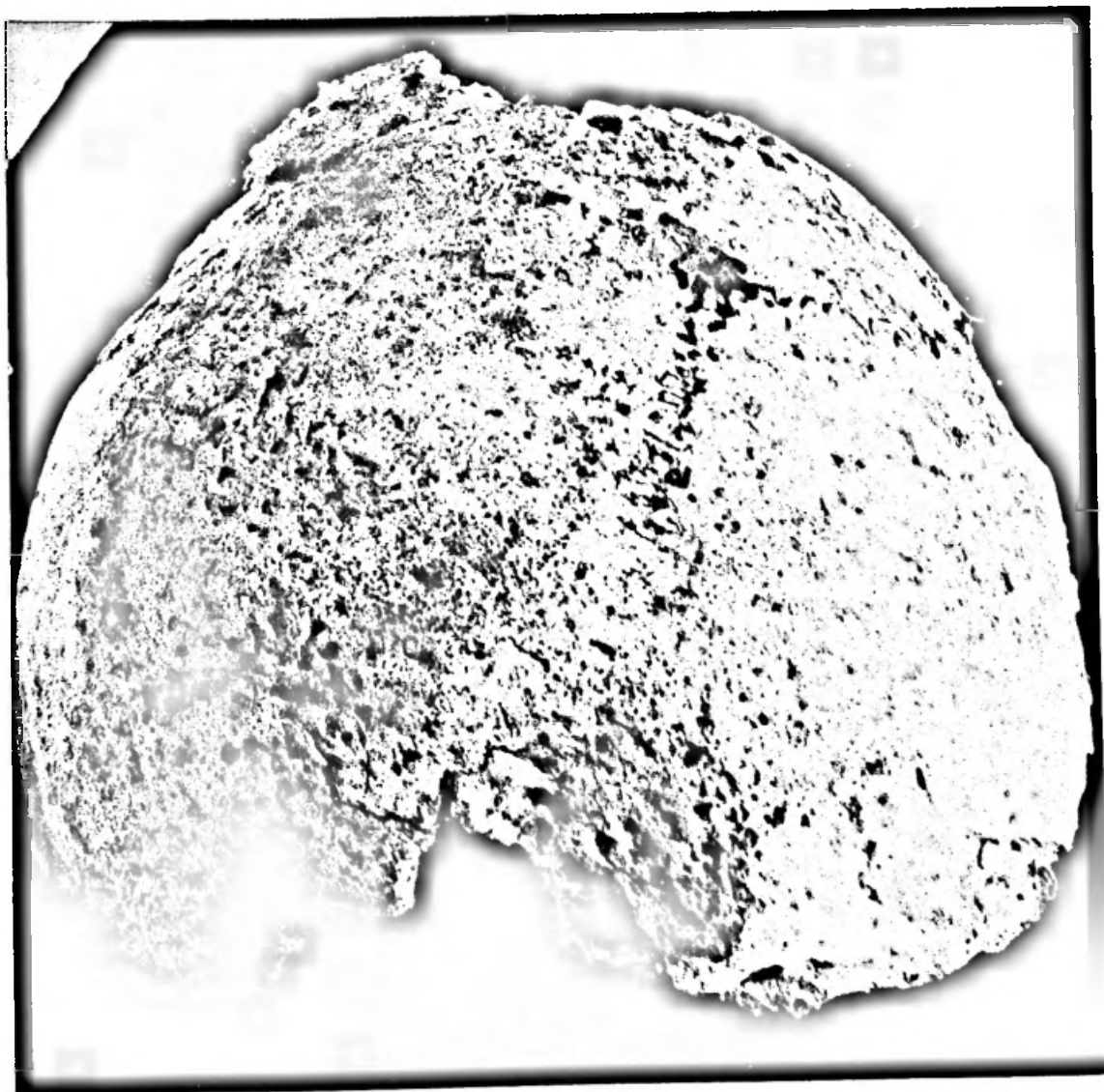
Formas de cerâmicas recuperadas, da fase Pedra do Caboclo, procedentes da Caverna da cidade de Bom Jardim (Pernambuco) e do Monte do Angico, km 95, Fazenda de Campinas, cavernas, funerárias 1 e 2.

CERÂMICA BROCATÔ LINHAS ONDULADAS DA
CAVERNA FUNERÁRIO DO ANGICO B. JARDIM





Implementos líticos da Caverna Funerária do Angico



Crânio

